

A TEORIA EM QUESTÃO

THEORY IN QUES- TION

Luiz Costa Lima¹

Resumo: O objetivo deste artigo é tratar da teoria da literatura que, a despeito de sua importância nos estudos literários, recebe pouca atenção da Academia, quando não é ignorada. Pautada na leitura crítica do teórico De Man (1986), a pesquisa faz breve discussão sobre o tema, ressaltando a profunda relação entre ficção e realidade. O propósito teórico ainda adverte que o desprezo à teoria da literatura resulta de processos históricos turbulentos, como o longo período de ditadura, que sufocou uma geração de pensadores e, ainda hoje, repercute em eventos históricos.

Palavras-Chave: Teoria da Literatura; Ficção; Realidade; Sociedade.

Abstract: The objective of this article is to address literary theory, which, despite its importance in literary studies, receives little, if any, attention from academia. Based on a critical reading of theorist De Man (1986), the research briefly discusses the topic, highlighting the profound relationship between fiction and reality. The theoretical purpose also warns that the disregard for literary theory stems from turbulent historical processes,

¹ Teórico e Crítico literário, Professor emérito da PUC-RJ.

such as the long period of dictatorship, which stifled a generation of thinkers and still resonates with historical events today.

Keywords: Literary Theory; Fiction; Reality; Society.

Agrada-me saber que se tem notícia de meu nome. Isso explica o convite da Universidade de Mato Grosso para escrever a aula inaugural do segundo semestre de 2025 do Programa de Pós-graduação de Estudos Literários. De acordo com o convite, terei por ênfase a presença da teoria nos estudos de literatura. Mas o desenvolvimento inicial deve destacar que as discussões sobre nossa formação intelectual têm se mantido pequenas por não destacar a pequena vivência que temos dela. Pois é praticamente nula a que temos tido. Qual tivemos durante o Império, portanto durante quase todo o século XIX? A mesma quase absoluta ausência tivemos durante a República Velha e o Estado Nono. Basta lembrar que, mesmo dentro da tradição positivista, raros foram os nomes de Euclides da Cunha e Oliveira Viana. A eles se acrescentaria a ênfase gilbertiana na tradição regionalista e no destaque da terra. Uma e outra ignorariam a indagação intelectual escorreita. É verdade que Celso Furtado daria uma dignidade sem igual à formação econômica, porém sem a elevar a um nível propriamente teórico-intelectual. Caso dispusesse de um tempo largo, teria me disposto a procurar ao menos um esboço deste nível pela leitura cuidadosa do *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, mas não é o caso.

Por reconhecer o destaque da teoria, pareceu-me indispensável tratar de uma particularidade raramente lembrada: o duplo sentido em que se estabelece a relação da

teoria com a resistência a ela. Duplo sentido porque a resistência pode partir dela mesma ou ser a ela mesma. No primeiro sentido, a resistência se processa a ela própria. Como este sentido é o menos lembrado, é dele que partirei.

A ela se dedica um conhecido conjunto de ensaios, o *Resistance to theory* (1986), do belga, professor da Johns Hopkins, posteriormente da Yale University, Paul de Man (1919 – 1983).

Vale começar por recordar com Paul de Man de que condição parte a teoria da literatura. “Pode-se dizer que a teoria literária, declara, surge quando (...) o objeto de discussão não é mais o significado ou o valor, mas as modalidades de produção e de recepção do significado e de seu estabelecimento” (De Man, P; 1986, 7) – seu advento é bem estabelecido: “ocorre na introdução da terminologia linguística na metalinguagem sobre a literatura” (idem, 8).

Ainda estamos no anteparo da questão. Só agora o crítico e teórico começa a tratar da resistência: “O real debate da teoria literária não é com seus oponentes polêmicos mas antes com suas próprias suposições metodológicas e possibilidades. (...) A resistência à teoria é quanto ao uso da linguagem (...). É por isso uma resistência à própria linguagem (...) (ibidem, 12). “Nada pode sobrepujar a resistência à teoria porquanto a teoria é ela mesma essa resistência” (ib., 19). Ou que equivale a dizer, a resistência não é externa. O que equivale a declarar: deriva da consciência de que a teoria não deve perder a noção de seus limites ou que princípios não são irrestritos.

Para melhor entendimento desta aparente contradição, recorro a uma passagem lembrada por John Ruskin, no seu *Modern painters* e citada por Wlad Godzich, na introdução do

Resistance: os gregos distinguíam “theoria” de “aísthesis”. A primeira supunha que algo visto podia tornar-se objeto do discurso público X, ao passo que a “aisthesis” apresenta uma percepção incapaz de “reiteração social” (*social standing*) (Godzich, W.: *ibidem*, XIV). A “teoria” se mostrava investida de uma certeza que lhe concedia uma autoridade permissora da passagem do visto para o dito, do particular para o geral, tornar algo objeto de um discurso público. De Man utiliza o termo ‘teoria’ com a mesma conotação. Assim se torna mais nítido pela distinção, também empregada por Godzich, entre ontológico, na acepção de *theoria*, e ôntico, a *aísthesis*. Dotada da dimensão ontológica, a ‘teoria’ supõe a resistência que a linguagem oferece a si mesma, ou seja, a negação de uma estabilidade absoluta, a possibilidade, portanto, de recuar ou mudar de direção, enquanto à *aísthesis* cabia o particularizado. Conforme o entendimento de Godzich, de Man, ao não separar a teoria de sua linguagem, a mantinha crítica de si mesma. Daí que a resistência lhe fosse inerente.

Lamentavelmente, essa concepção não saiu de seu esboço: o autor faleceu antes de a pôr em prática. E o leitor deste texto não tem por que se preocupar: entre nós, a resistência é evidentemente ao ato de teorizar. Em palavras mais diretas: de modo geral, consideramos a teoria um estorvo à literatura. O que significa que nosso ambiente intelectual permanece de tal modo pobre e míngua que não nos atrevemos, salvo raras exceções, a teorizar. Inclinem-nos pois em desenvolver este lado da questão, começando pela frase: uma teoria da literatura supõe, por certo, uma concepção de literatura. Tal concepção partirá de uma caracterização da literatura ou, noutras palavras, dependerá de um sistema, seja ele filosófico, religioso ou ideológico. Perguntemo-

nos pois: temos por acaso alguma caracterização própria e geral da literatura? Caso a tenhamos, ela estará escondida em algum rincão, de onde não é vista, nem escutada; sistema então? Por certo, de natureza ideológica. De Man oferece sua ajuda: “O que chamamos ideologia é precisamente a confusão da realidade linguística com a natural, da referência com o fenomenalismo” (De Man, Paul: op. cit., 11).

Se duvidarmos do que se afirma, recorra-se às nossas histórias da literatura. Entre elas, se destacará a que acentua ser o princípio dirigente o guiado pelo princípio da formação nacional. A afirmação genérica seria então que a literatura brasileira é aquela que exprime o modo como historicamente nos formamos. Como reiteração da afirmação recordo que, durante os anos 70-80 do século passado, quando, por influência do estruturalismo, havia, entre nós, um certo fervor teorizante, os alunos de letras da PUC (RJ) convenceram um conhecido professor da USP a vir ao Rio, onde faria, no Teatro Casa Grande, uma conferência, tendo por tema os males que a teoria tem causado na leitura da literatura. (Lamento desconhecer se a palestra foi publicada).

Em suma, embora não possamos dizer quais teriam sido as consequências efetivas da concepção da resistência à teoria de Paul de Man, podemos declarar nosso acordo com o ele escrevia: “A literatura é ficção não porque ela de algum modo recuse reconhecer a ‘realidade’, mas porque não é *a priori* certo que a linguagem funcione de acordo com princípios que são aqueles ou que são *como* aqueles do mundo fenomênico. Não é por isso *a priori* certo que a literatura é uma fonte de informação confiável acerca de qualquer coisa salvo sua própria linguagem” (De Man, P.: op. cit., 11).

Prendi-me ao primeiro ponto passível de ser tratado na questão da teoria e deixei de lado o conteúdo do que toda observação teórica há de destacar. Ela diz respeito às formas discursivas compreendidas sob o nome genérico de linguagem. Formas discursivas: a filosófica, a científica, a historiográfica, religiosa e a literária (mais corretamente chamada de ficcional), modalidades de gênero – as formas do lírico, o dramático, o cômico, o épico, as formas da prosa – o romance, eventualmente distinto da novela, o conto, o ensaio de cunho ficcional, distinto do ensaio propriamente dito, de caráter teórico. Não seria possível tratar das variedades referidas senão em um longo tratado. Prefiro por isso ainda dedicar duas palavras ao ficcional. À observação a pouco recordada de De Man há de ser acrescentar que a literatura é ficção porque, em vez de reiterar o que cada sociedade declara como sua realidade, a traspassa para que diga o que se estende além, no real. Não que a ficção invente a fantasia – não confundir com o fantástico, uma das modalidades de que o real se reveste – senão que torna real o que a sociedade expulsa de sua realidade. Dou um mínimo exemplo: ao passo que nosso código sexual não admite como formas normais e aceitáveis senão a dualidade macho e fêmea, um dos maiores personagens do *Grande sertão: veredas*, Diadorim, é um jagunço travesti, o que pareceria inimaginável na realidade sertaneja.

Duas outras observações mais sobre o que se há de esperar de uma teoria da literatura entre nós. Sua primeira tarefa se cumprirá contra a ideologização resultado de nossa indigência intelectual e provocante de pobreza ainda maior. Essa pobreza se revela mais imediatamente em nosso meio político.

Não contentes com o período ditatorial que, estendendo-

se de 1964 a 1985, praticamente meio sufocou a minha geração, pouco depois elegemos para a presidência da república uma figura como o sr. Collor de Mello. É certo que ele veio a ser cassado. Mas quantos anos se passaram até que seus crimes financeiros fossem punidos? E que dizer do pouco espaço de tempo para que voltássemos a ter como presidente Jair Messias Bolsonaro? Ainda somos demasiado omissos ao lembrarmos apenas dos presidentes. Como esquecer a composição da câmara e senado que nos é contemporânea? Aqueles e estes não seriam possíveis sem uma massa eleitoreira de mesmo estirpe.

Aqueles que aqui me convidaram poderiam aqui intervir: fui chamado para pensar sobre a teoria da literatura e não para declarar minha posição política. Sim, acrescento pois: a separação entre reflexão intelectual e política cotidiana tem como consequência a inutilidade da reflexão.

Se não nos agrada a condição subalterna que mantemos como nação, teremos de aprender a ser um corpo integrado e exigir de nós mesmos muito mais do que nos exige a nossa massa mediática. Só assim o texto acima assumirá algum sentido, assim como a remissão que “A Questão da teoria” estará fazendo aos mais de 30 livros que tenho editado.

Referências

DE MAN, Paul. *The Resistance to theory*. Foreword by Wlad Godzich. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque: *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.